

Miguel Nicolelis: "Vamos transformar o RN na Califórnia"

Emanuel Amaral



CIÊNCiA - Reconhecido internacionalmente, Miguel Nicolelis tem planos ambiciosos para o RN
05/08/2007 - Tribuna do Norte

Anna Ruth Dantas - Repórter

O cientista Miguel Nicolelis é um paulista entusiasmado pelo Nordeste. Mas não é um olhar voltado para praias e belezas naturais, a visão de Nicolelis, que é apontado pela Revista Scientific American como um dos 20 maiores cientistas do mundo, é focado no desenvolvimento da Ciência na região. E no arrojado projeto e ousado sonho de Nicolelis para as terras nordestinas, é no Rio Grande do Norte que está o porto seguro e de onde tudo partirá. Aliás, sonho-projeto que ele já começou a tornar concreto com os trabalhos de iniciação científica na escola Alfredo Monteverde, na Cidade da Esperança.

Mas essa é apenas a pequena e expressiva primeira parte. Para a cidade de Macaíba Miguel Nicolelis projeta o "campus do cérebro".

Depois de 20 anos morando fora do Brasil, cientista reconhecido internacionalmente, Miguel Nicolelis retornou ao país e diretamente para o Rio Grande do Norte, o Estado que ele quer projetar como a "Califórnia brasileira". "Quero demonstrar com esse experimento do empreendedorismo científico que o Nordeste brasileiro é o futuro do Brasil em termos de desenvolvimento econômico de alto valor agregado e em termos de recursos humanos e desenvolvimento, capacitação de recursos humanos", comenta o cientista.

O convidado do 3 por 4 de hoje é um cientista simpático no trato, simples no jeito e ousado nos projetos. Nas suas palavras e nas expressões, Miguel Nicolelis guarda a capacidade de fazer o espectador viajar com ele e sonhar junto com a redenção do Nordeste através do desenvolvimento científico.

Com vocês, um dos maiores cientistas do mundo:

O que justifica o olhar tão atencioso de um dos maiores cientistas do mundo para o Rio Grande do Norte?

Primeiro porque acredito que não sou paulista, sou brasileiro. O Brasil só irá realmente se estabelecer como federação, país, que tem uma agenda nacional, se em todas as atividades fundamentais para o desenvolvimento do país nós tivermos a homogeneização da excelência. E a ciência é um caso grave no Brasil dada a altíssima concentração de recursos humanos e investimentos que ocorrem no Sudeste brasileiro. 70% da produção científica brasileira vem do Estado de São Paulo. Para um país com as dimensões do Brasil isso é um grande problema. Não interessa que a ciência e São Paulo seja muito boa. O que acontece é que o resto do Brasil não tem oportunidade de participar. Os talentos brasileiros não têm os caminhos e as oportunidades de participarem tanto na produção quanto no consumo dos bens gerados pela produção científica. Quando nós criamos esse projeto há quatro anos a filosofia central era incentivar a descentralização da produção científica por todo o território nacional. E Natal é muito emblemático para nós. Muita gente duvidava, achava que não tinha chance de nada ser feito, tinham pessoas que achavam que era loucura. Mas estamos mostrando que é possível sim criar núcleo de excelência, de ciência de ponta, vinculada a uma missão social, construir prédio, construir laboratórios, clínicas para mulher e trazer para cá não só recursos humanos, mas financeiros privados de uma maneira que o Rio Grande do Norte e o Brasil jamais viram. Uma das nossas doações, que é da senhora Lily Safra, é a maior doação privada de uma pessoa para a ciência no Brasil na história do país.

O senhor está demonstrando que o Instituto de Neurociência de Natal já é uma realidade. Mas dentro do projeto que o senhor concebeu o que falta para tornar esse sonho completo e concreto?

Essa é a primeira fase de implantação, quando as pessoas tiverem a noção do que realmente nós queremos fazer aqui ninguém vai acreditar.

E o que senhor quer fazer aqui?

Eu quero transformar o RN na capital da Califórnia brasileira. Quero demonstrar que com esse experimento do empreendedorismo científico o Nordeste brasileiro é o futuro do Brasil em termos de desenvolvimento econômico de alto valor agregado e em termos de recursos humanos e desenvolvimento, capacitação de recursos humanos. Nós podemos, realmente com a ajuda do Governo Estadual, Federal e da iniciativa privada não só brasileira como

internacional, transformar o Nordeste na Califórnia brasileira.

Depois de toda a consagração internacional como cientista, o senhor se volta agora para o Nordeste. Seria essa uma missão social? Ou o senhor vê na região um diferencial que influencia no fomento da ciência?

Queremos inculcar na cabeça das crianças, que serão herdeiras da região e do Brasil, que cada uma delas é um agente de transformação. Cada uma delas pode participar dessa transformação econômica, social e educacional. O maior investimento de todos que um país pode fazer é em gente. O que precisamos fazer é uma revolução educacional no Nordeste brasileiro e no Brasil também. Nossa querela é aqui e em cima dessa revolução, que o ministro Fernando Haddad compartilha, construir os mecanismos pelos quais as crianças transformem a economia, a cultura, toda sociedade em prol de construir um país mais justo, mais voltado para si e mais capaz de saldar essa dívida social que nós temos há séculos.

Esse sonho acalentado pelo senhor para redenção do Nordeste, seria a partir do Rio Grande do Norte?

Sim. Acredito que o Rio Grande do Norte é nossa base e sempre será. É aqui que pretendemos desenvolver o projeto na sua maior extensão. Mas daqui certamente iremos para outros Estados. Sempre gosto de falar que nosso próximo Estado será o Piauí. E eu já comecei a planejar o que gostaria de fazer, mas ainda é cedo.

Mas o modelo dos outros Estados será semelhante ao do Rio Grande do Norte?

Será um modelo semelhante, mas não na Neurociência, em outro lado da ciência, mas sempre com a visão da necessidade de começar o projeto científico acoplado a projeto social que vise educação, saúde da mulher, saúde da criança, capacitação da criança. A filosofia é a mesma.

O senhor trabalha com prazo temporal para essa transformação do Nordeste?

Eu não tenho um prazo. Eu sempre trabalho para ontem. Não tenho paciência. Eu chego ao Piauí ontem. Estou indo visitar nas próximas semanas, mas acredito que antes disso precisamos consolidar o projeto aqui, construir a próxima fase que é de muita ousadia e ambição que nunca ninguém no Brasil jamais imaginou. Em Macaíba vamos edificar o campus do cérebro e com um projeto científico educacional que não existe igual no Brasil. Na próxima etapa construiremos um modelo de auto-sustentação de toda essa infra-

estrutura.

Essa auto-sustentação seria uma preocupação para não depender de doações de governo e iniciativa privada?

Claro que vamos continuar tendo parcerias privadas e públicas, mas quero gerar riquezas aqui e vai dar razões sociais pela educação maciça para as crianças da região.

O senhor não estaria sonhando demais ao imaginar um Nordeste fortalecido e revitalizado?

Todo sonho tem caráter de utopia. Me inspiro muito no maior cientista brasileiro que é o Santos Dumont. Imagine você em 1800 e pouco e desafiar a gravidade e voar. Se ele fez isso qualquer outro sonho é menos ambicioso. Acho que o que esse sonho talvez eu não veja realizado na minha vida, mas ficarei feliz se conseguir plantar a semente de que é possível trilhar esse caminho e é possível alguém que vivia fora do Brasil vir para aqui. Eu acredito no Brasil e talvez os brasileiros que estão aqui acreditem também.

O senhor não teme que um projeto de longo alcance possa se perder na falta de recursos tão característica dos grandes projetos?

Não dependemos do Governo Federal. De todo dinheiro que arrecadamos aqui 30% são recursos públicos. 70% são convênios e doações privadas, parcerias por universidades pelo mundo. Com as últimas iniciativas já passamos dos R\$ 25 milhões.

O que fazer para tornar um tema como a neurociência mais "palpável"? Que apelo o senhor traz para as pessoas se interessarem pela neurociência?

O cérebro define tudo que somos e fazemos no cotidiano. Tudo que realizamos enquanto seres humanos depende do cérebro. A própria constituição da nossa vida social, da nossa história, das relações com o ambiente é parte do cérebro. Ele (o cérebro) está no nosso cotidiano o tempo inteiro. O que fazemos é entender os mecanismos fundamentais de funcionamento do cérebro. Então a nossa proposta é mostrar que você não precisa ser neurocientista para entender o quanto relevante é para o cérebro e como funciona. Existe uma série de doenças neurológicas que só vamos conseguir tratar e curar quando entender melhor como o cérebro funciona e como as doenças alteram esse funcionamento. Apesar da neurociência parecer uma coisa distante, difícil de pouco acesso, os benefícios e o conhecimento gerado pela Neurociência influenciam nossa vida o tempo inteiro.

O senhor não teme encontrar um obstáculo a mais nesse projeto social pelo fato de tratar com crianças carentes, que passam necessidades, fome mesmo? O rendimento dessas crianças para entender a complexidade da iniciação científica não estaria comprometida?

Por isso que nossa iniciativa, quando for construída da maneira como a gente vislumbrou, ela contempla o trazer da criança para escola ao nascer para que tenha o aporte alimentar, emocional. A escola que iremos criar no campus de Macaíba será a primeira escola do Brasil que a criança nascerá na nossa maternidade e imediatamente ao nascer ela já estará aceita na nossa escola, junto com sua mãe. A escola vai nascer dentro da escola e terá como primeira professora a própria mãe. Por sua vez a mãe será aluna dessa escola também.

O que exatamente o senhor sonha para Macaíba?

Nós construímos com o Ministério da Saúde uma clínica da saúde da mulher e da criança. Esse é um posto de saúde que será especializado na gravidez de alto risco para mulheres de Macaíba e nas crianças com problemas na primeira infância. Evidentemente, é que daremos o melhor atendimento possível, ele será construído com o Ministério da Saúde, mas será operacionalizado pelo convênio feito com o Hospital Sírio Libanês em São Paulo. É o melhor hospital privado do Brasil. Pela primeira vez um hospital privado fez uma doação, de 2,5 milhões de dólares, para suportar, dar aporte operacional no Nordeste. Essas mães serão cuidadas no centro de saúde. E agora quero fazer uma maternidade ao lado para que as crianças tenham onde nascer. Ao lado da maternidade será a escola.

O senhor acredita que o desenvolvimento da criança pode estar relacionada a ela chegar mais cedo na escola?

Não sei. Sei de uma coisa: precisamos aportar a criança com todas as condições de saúde no começo da vida e propiciar um ambiente de amor, carinho, estimulação sensorial. O cérebro é uma esponja, nos primeiros anos de vida o cérebro adquire conhecimento em velocidade assustadora e é ali onde nossas potencialidades são definidas. A ênfase na primeira fase da vida, a escola para a criança que nasce, usará técnicas de pedagogia e ensino que no Brasil não há o mínimo envolvimento ainda. Queremos que a mãe e criança tenham condições e o bebê tenha o potencial como cidadão. E ele se transformará num agente educacional do país. Cada um será parte de um exército de sonhadores que nós queremos educar aqui.